

**A DESPALATALIZAÇÃO DE /ʎ/ NO FALAR TERESINENSE:  
UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA**

*Lélia Ramires de Oliveira Silva* (UESPI)

[leliaramires-sam@hotmail.com](mailto:leliaramires-sam@hotmail.com)

*Lucirene da Silva Carvalho* (UESPI)

**RESUMO**

Os estudos sociolinguísticos vêm contribuindo para um melhor conhecimento da variação linguística, entretanto, por muitos anos o estudo interno e/ou formal da língua, proposto por Saussure foi privilegiado afastando os fatores sociais da análise linguística. Apenas em 1964, com o nascimento da sociolinguística, inseriram-se os aspectos sociais (escolaridade, faixa etária, gênero) no estudo e descrição da língua. Alkmin (2006) informa que, a sociolinguística é uma área, dentro da linguística, voltada para o tratamento da relação entre linguagem e sociedade, tendo como foco a língua falada, observada e analisada, a partir de uma comunidade linguística que interagem entre si e seguem as mesmas normas de uso da língua. Para a sociolinguística, os fatores linguísticos e sociais podem ser correlacionados e sistematizados e, portanto, tem a variação como fenômeno regular. Nesse sentido, esta pesquisa busca mostrar a variação do fonema palatal /ʎ/ no falar teresinense, tendo como suporte teórico a sociolinguística quantitativa proposta por Labov e descrita por Tarallo (2003). Mais especificamente, este trabalho estuda a despalatalização (perda do traço palatal) de /ʎ/ na fala do teresinense ao correlacionar os fatores linguísticos e sociais que podem condicioná-la. Segundo Aragão (1999), em determinados contextos, o fonema /ʎ/ para facilitar sua produção, tem sua articulação enfraquecida, podendo, assim, ser perdida completamente, devido o afrouxamento da articulação. Mas é sabido que a variação linguística é um fato óbvio em qualquer comunidade de falantes, sendo a heterogeneidade e a dinamicidade linguística um fato regular de toda língua natural.

**Palavras-chave:** Despalatalização. Variação linguística. Lateral palatal.

**1. Introdução**

A diversidade do português do Brasil pode ser confirmada em inúmeros trabalhos realizados sob diferentes orientações metodológicas, considerando características linguísticas, geográficas e/ou sociais. Nesse contexto, com apoio dos postulados sociolinguísticos labovianos investiga-se que fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam a realização ou a não realização (despalatalização) de /ʎ/.

Couto (1989) esclarece que, o português brasileiro não é homogêneo, portanto, possui diferenças de acordo com o ambiente em que é usado (diferenças regionais, diferenças históricas ou temporais e diferenças sociais). Assim, cada fase histórica da língua apresenta as características

de seu tempo e de sua comunidade, ou seja, a sociedade passa por mudanças no decorrer do tempo e, conseqüentemente, ocorrem mudanças linguísticas, uma vez que, a língua é um produto social (COUTO, 1989).

Muitos trabalhos no nível fonético-fonológico já foram realizados em nosso país, mas no que diz respeito ao fenômeno supracitado, no estado do Piauí e mais especificamente na cidade de Teresina não se tem trabalhos que contenha a análise específica da despalatalização de /λ/ na fala de teresinenses. Nesse sentido, esta pesquisa justifica-se pelos aspectos acima citados, como originalidade, contribuição linguística e social do tema abordado, uma vez que possibilitará e ou incentivará novas pesquisas nesta área, para que se tenha uma descrição minuciosa da fala do teresinense.

## **2. Descrição fonético-fonológica e despalatalização de /λ/**

Para a descrição de /λ/ consideraram-se suas características fonéticas. Silva (2010, p. 32-33), descreve o /λ/ como palatal, uma vez que “o articulador ativo é a parte média da língua e o articulador passivo é a parte final do palato duro”. Quanto ao modo de articulação, a autora mencionada descreve-o como lateral, pois durante sua produção tem-se a obstrução parcial da corrente de ar no “trato vocal”, assim, o ar é expelido pelos lados. Portanto, geralmente, o fonema /λ/ é descrito como palatal, lateral, sonoro.

De acordo com Aragão (1999, p. 15) “o fonema /λ/ é descrito fonética e fonologicamente como consoante oral, sonora, lateral, dorsopalatal” e, ocorre “sempre em posição medial de sílaba medial ou final de palavras e, com raríssimas exceções, em posição inicial de alguns empréstimos espanhóis e no pronome de 3ª pessoa *lhe*”. De acordo também com Silva (2010, p. 64) o [λ] “ocorre em português apenas em posição intervocálica e corresponde na ortografia ao dígrafo *lh*”. Silva (2010, p. 40) acrescenta, também, que:

a consoante lateral palatal [λ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro. Geralmente uma lateral alveolar (ou dental) palatalizada [...] ocorre para a maioria dos falantes do português brasileiro. [...] Pode ocorrer a vocalização da lateral palatal e neste caso temos um segmento com as características articulatorias de uma vogal do tipo [i] que é transcrito como [y] [...].

Câmara Jr. (1985) não utiliza o termo despalatalização. Em seu dicionário encontra-se a nomenclatura iotização, definida como a “mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a

semivogal correspondente ou iode”. O autor acrescenta ainda que, “nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /l/ e /n/; ex.: mulher > /muyé/, Nonhô > Ioiô (v. africanismos)” (CÂMARA JR., 1985, p. 149).

Já Aguilera (1989, p. 176), ao tratar da iotização, afirma que:

a ocorrência de fenômenos fonéticos do tipo da iotização do /k/ deve ser creditada à tendência natural do falante em reduzir o esforço articulatório que a emissão do /k/ exige, optando por articulações que se traduzem em menor trabalho dos órgãos fonadores e que produzem no ouvinte um resultado satisfatório, isto é, não afetam a comunicação [...].

Para Cagliari (1974, p. 163) “a despalatalização é vista como um enfraquecimento da energia articulatória necessária para a perfeita realização das consoantes palatais ou palatalizadas”. Desse modo, observa-se que, o fonema /k/ apresenta uma articulação complexa, exigindo, assim, do falante um grande esforço articulatório. Assim, o falante tende a substituir sua articulação por outras que exigem menos esforço dos órgãos articuladores. Nesse sentido, a despalatalização pode ser entendida como a não realização do fonema palatal segundo suas características articulatórias, que consistem no toque do articulador ativo (língua) no articulador passivo (palato duro).

### **3. Procedimentos metodológicos**

Realizou-se uma pesquisa de campo com 12 informantes (sendo 06 mulheres e 06 homens) residentes em Teresina, com idades variando entre 25-49 anos e mais de 50 anos e nível de escolaridade variando entre analfabeto, fundamental e médio. Os informantes foram selecionados segundo o critério da amostragem aleatória.

O *corpus* levantado baseia-se em (37) trinta e sete itens lexicais, cujas palavras contam com a presença de *lh*, elicitadas em estilo semi-monitorado junto a habitantes de alguns bairros da zona norte (Nova Brasília, Mafrense e Alto Alegre) da cidade de Teresina. Utilizaram-se para a coleta de dados duas metodologias diferentes, aplicou-se: 1º) a técnica de questionários, neste caso tem-se um questionário de leitura, com 21 palavras (para informantes alfabetizados); 2º) uma lista de figuras, com 16 palavras (para informantes analfabetos). Utilizou-se também, três módulos de perguntas, provocando narrativas de experiência pessoal, nas quais o informante narra sem se preocupar com seu modo de falar. Através da elaboração de módulos para a coleta de narrativas de experiência

pessoal, espera-se o surgimento da forma espontânea, em situação de uso, com vistas a se observar de forma natural a variação linguística na fala.

Após o levantamento do *corpus* linguístico, seguiu-se a codificação e rotação dos dados coletados, com auxílio do programa de computador Goldvarb X. O trabalho foi dividido em dois grupos, o grupo de fatores dependentes (variáveis linguísticas) e o de fatores independentes (variáveis sociais).

Entretanto, optou-se por utilizar um modelo binário da variável dependente e, portanto, amalgamando todas as variantes linguísticas encontradas que apresentavam características em comum, restando, portanto duas variantes diferentes. Neste modelo, “a variável dependente é tratada em termos das probabilidades e percentuais de acontecimento de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa” (GUY; ZILLES, 2007, p. 141).

Tal procedimento foi relevante por vários motivos: 1) a limitação do programa de computador Goldvarb X que só realiza análise binária; 2) uma verificação ampla dos contextos em que ocorrem as variantes “não padrão”; 4) a quantidade de dados reduzida para uma análise eneária que, poderia gerar nocautes por falta de dados.

#### **4. Análise dos dados**

Os quadros abaixo apresentam os principais resultados alcançados com a rotação dos dados no programa Goldvarb X. Tais resultados (pesos relativos) são apresentados em relação ao uso da variante despalatalizada (não padrão), uma vez que, esta foi especificada como aplicação da regra variável, portanto, os números acima de 0.50, demonstrados nos quadros indicam nível de uso alto da variante focalizada, ou seja, a despalatalização.

Os quadros 01, 02, 03 e 04 mostram os pesos alcançados nas rodadas *step up* e *step down* do programa Goldvarb X. Os fatores selecionados como relevantes nessas rodadas foram: gênero/sexo, escolaridade, anterioridade/posterioridade da vogal seguinte e extensão da palavra, os quais serão aqui analisados.

No quadro 01, será apresentada a ocorrência do fenômeno da despalatalização em relação ao fator gênero/sexo.

Fator gênero/sexo	Peso relativo
Mulher	0.38
Homem	0.65

**Quadro 01: Despalatalização X fator gênero/sexo.**

Observa-se no quadro acima que a variante “homem” apresenta 0.65 de peso relativo, sendo, portanto, mais favorável à despalatalização do que a variante “mulher,” representada por 0.38 de peso relativo. Nesse contexto, Paiva (2012, p. 34) expõe que:

[...] gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresenta um padrão bastante regular em as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Ver-se, pois, que o fenômeno de despalatalização é mais adotado pelos falantes do sexo masculino.

Outro fator selecionado pelo Goldvarb como relevante foi o nível de escolaridade, explicitado no quadro a seguir:

Fator escolaridade	Peso relativo
Analfabeto	0.89
Fundamental	0.48
Médio	0.17

**Quadro 02: Despalatalização X fator escolaridade**

Conforme apresenta o quadro, a variável fator escolaridade mostra-se favorável à despalatalização com relação à variante analfabeto, cujo resultado está acima do ponto neutro, com 0.89 de peso relativo. Segundo Aragão (1992, p. 4) a despalatalização é resultado da: “necessidade de rapidez e facilidade da articulação aliada ao relaxamento na articulação, ao descompromisso com o falar *correto*” a e à falta de conhecimentos básicos da língua”.

Diferentemente, isso não ocorre com as outras variantes, que aparecem especificadas no mesmo quadro, pois tanto a variante ensino fundamental quanto a variante ensino médio aparecem com pesos relativos desfavoráveis: a primeira com 0.48 e a segunda com 0.17. Isso corrobora o que Votre (2004, p. 51) afirma sobre a importância da escola, quando este ressalta que ela “atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades.”

Quanto ao fator anterioridade/posterioridade da vogal seguinte, o programa Goldvarb X apresentou os seguintes resultados, cujos dados serão analisados na sequência, conforme se observa o quadro 03:

Fator anterioridade/ posterioridade	Peso relativo
Posterior	0.34
Central	0.62
Anterior	0.80

**Quadro 03: Despalatalização X fator anterioridade /posterioridade da vogal**

A variante “anterior” corresponde às vogais anteriores “e” e “i”. Como se vê acima, ela possui o maior peso de 0.80, sendo, desse modo, o fator mais favorecedor da despalatalização. Sabe-se que durante a articulação das vogais anteriores a língua encontra-se posicionada à frente do trato vocal, portanto está afastada do articulador passivo do fonema /k/ (o palato duro). Assim, tem-se a hipótese de que a vogal anterior, encontrada logo após o fonema palatal (em nível de articulação) contribui para o enfraquecimento deste, uma vez que, a língua (articulador ativo do fonema palatal) é impulsionada para frente, distanciando-se do palato duro (articulador passivo do fonema palatal) (SILVA, 2010).

Como último fator selecionado pelo Goldvarb tem-se a extensão da palavra. Observa-se, abaixo, a ocorrência da despalatalização com relação a este fator:

Fator extensão da palavra	Peso relativo
2 sílabas	0.40
+ de 2 sílabas	0.59

**Quadro 04: Despalatalização X fator extensão da palavra**

Verifica-se que, palavras formadas por mais de duas sílabas (três sílabas e quatro sílabas) são mais favoráveis à despalatalização do fonema /k/ com um peso relativo de 0.59. Sobre isso Aguilera (1989, p. 176) em estudos sobre o /k/ na fala paranaense enfatiza que:

[...] a ocorrência de fenômenos fonéticos do tipo da iotização do /k/ deve ser creditada à tendência natural do falante em reduzir o esforço articulatorio que a emissão do /k/ exige, optando por articulações que se traduzem em menor trabalho dos órgãos fonadores e que produzem no ouvinte um resultado satisfatório, isto é, não afetam a comunicação.

Desse modo, quanto ao fator extensão da palavra, nota-se que fenômenos como a despalatalização e suas outras evoluções como a iotização decorrem da redução do esforço articulatorio, uma vez que, palavras curtas exigem menos esforço articulatorio do que as palavras com mais de três sílabas que acabam sofrendo mudanças devido à necessidade de simplificar a língua, economizar e facilitar a pronúncia das palavras.

Por fim, nota-se que a escolaridade, o gênero/sexo, o relaxamento e o descuido articulatorio são fatores que influenciam a ocorrência da

perda da articulação palatal, ocasionando, desse modo, a despalatalização.

Assim, a despalatalização pode ser caracterizada como variação diastrática (social) devido a influência de fatores sociais, uma vez que, tal fenômeno não se restringe a uma região.

## 5. *Considerações finais*

Através da pesquisa sociolinguística a língua tem mostrado suas varias faces. A variação linguística de nosso país explica-se pelo contrato entre os diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos de nossa história, ou seja, a variação não se explica apenas por fatores linguísticos, mais também por meio de fatores históricos, culturais e sociais. E, portanto, não existe um modo de falar melhor do que o outro.

A pesquisa variacionista, com certeza, tem um importante papel social, além de linguístico, uma vez que estes estudos proporcionam uma visão mais critica, ou seja, uma visão realista da língua. Não é novidade que a língua portuguesa, assim como as outras línguas naturais, passou e passa por modificações desde a antiguidade, uma vez que, a língua é um produto social e, portanto varia de acordo com as mudanças sociais e temporais da sociedade.

Nesse sentido, pesquisas como esta, realizada sobre a despalatalização do /k/ no falar teresinense, são importantes para a aceitação, a valorização, a descrição e o conhecimento das diversas variações do português brasileiro, possibilitando uma nova maneira de ver o fenômeno linguístico, sem preconceitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. O fonema /k/: realizações fonéticas, descrição e sua comparação na fala popular paranaense. *Semina*, ano 10, n. 3, p. 176-178, 1989.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 1. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. A variação fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste. *Revista Gelne*, ano 1, n. 2, 1999.

\_\_\_\_\_. *A despalatalização e iotização no Atlas Linguístico da Paraíba*. Rio de Janeiro, Niterói: 4º Encontro Nacional de fonética e fonologia, 1992.

CAGLIARI, Luís Carlos. *A palatalização em português: Uma investigação palatográfica*. 1974. – Dissertação (Mestrado em Linguística). Unicamp, Campinas.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

COUTO, Hildo H. do. *O que é português brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.